

## FONTES PRIMÁRIAS

Recebido em 4 de julho de 2019  
Aprovado em 11 de agosto de 2019

# O mapa da Capitania de Minas Gerais produzido por José Joaquim da Rocha (1777)

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial2.28369>

*Marianna de Franco Gomes*

Graduada em Letras, licenciatura em português (UFMG), mestre em Estudos Linguísticos e doutoranda pelo Programa de pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail: [marianna.defrancog@gmail.com](mailto:marianna.defrancog@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0095-1733>

## RESUMO

Documentos cartográficos são importantes fontes de informação para várias áreas do conhecimento, inclusive para a Toponímia, já que fornecem objetos de análise para os estudos. Partindo desse pressuposto, objetivamos explicitar os registros de geomorfotopônimos verificados no mapa da Capitania de Minas Gerais produzido por José Joaquim da Rocha, em 1777, correspondendo ao recorte do trabalho de Dissertação intitulado “Geomorfotopônimos Históricos” (GOMES, 2019). Mostramos que o documento cartográfico fornece informações linguísticas e geográficas de grande valor histórico e cultural, principalmente, por permitir resgatar e analisar o topônimo histórico como forma de conhecimento. Desse modo, ressaltamos o valor dos documentos cartográficos históricos como ferramentas valiosas de pesquisa.

**Palavras-chave:** Cartografia histórica. José Joaquim da Rocha. Capitania de Minas Gerais. Geomorfotopônimos históricos.

## Introdução

É preciso ampliar o olhar sobre os documentos históricos, muitas vezes compreendidos, lamentavelmente, como “coisas velhas e sem sentido”, conforme apresenta Dores (2019, p. 287) em seu trabalho sobre a relação dos trastes de prata e ornamentos da extinta capela de Santo Antônio (1856)<sup>1</sup>. A mesma preocupação de Dores, em preservar os documentos antigos, é evidenciada por meio deste trabalho. Tratando-se da Cartografia Histórica, é necessário explicitar o amplo alcance à pesquisa, diante da perspectiva de possibilitar a realização de trabalhos interdisciplinares e, portanto, o alcance de resultados e produtos que abarcam diversas áreas do conhecimento.

O nosso objetivo, neste presente trabalho, é ressaltar a importância dos documentos cartográficos históricos, uma vez que sejam compreendidos como ferramentas valiosas de estudo, particularmente, à Toponímia. De acordo com esse objetivo, propomos utilizar o mapa da Capitania de Minas Gerais produzido por José Joaquim da Rocha em 1777<sup>2</sup> como fonte de informação para a análise geomorfotoponímica, tratando-se de um recorte do trabalho de Dissertação intitulado “Geomorfotopônimos Históricos” (GOMES, 2019)<sup>3</sup>. O trabalho desenvolvido reafirma a valorização de documentos cartográficos históricos como fontes de informação, já que o *corpus* toponímico analisado teve mapas históricos como fonte de dados. Trata-se de um desdobramento de um trabalho maior – Projeto *Registros Cartográficos Históricos: Revelando o Patrimônio Toponímico de Minas Gerais do Período Colonial ao Joanino*<sup>4</sup>, realizado entre 2014 e 2016, no Centro de Referência em Cartografia Histórica da Universidade Federal de Minas Gerais (CRCH-UFGM). O projeto, que contemplou uma equipe interdisciplinar em seu desenvolvimento, permitiu resgatar e analisar o léxico toponímico histórico de Minas Gerais por meio de quinze mapas produzidos no período Colonial (1720–1815) e Joanino (1808–1821), e consolidar informações linguísticas e geográficas em um banco de dados histórico disponibilizado por meio do Repositório de Dados<sup>5</sup>. Inclusive, no Repositório citado, que

---

<sup>1</sup> DORES, Marcus Vinícius Pereira das. Relação dos trastes de prata e ornamentos da extinta capela de Santo Antônio (1856). *Revista LaborHistorico*, v. 5, n. 1, p. 286 – 297, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.24206/lh.v5i1.24859>>. Acesso em ago. 2019.

<sup>2</sup> ROCHA, José Joaquim da. **Mappa da Capitania de Minas Geraes**: que Mandou Fazer o Ilmo. e Exmo. Senhor d. Anto . de Noronha, Governador e Capitão Genal. da mesma Capitania. ...o fez 1777a. 1 mapa ms. Escala [ca. 1: 1 600 000]. (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro - BN / RJ).

<sup>3</sup> GOMES, Marianna de Franco. **Geomorfotopônimos Históricos**. Dissertação (Mestrado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em Disponível em: <<http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1993M.pdf>>. Acesso em: ago. 2019.

<sup>4</sup> O projeto, apoiado pelo CNPq Processo nº 408869/2013-5, foi realizado entre 2014 e 2016, no Centro de Referência em Cartografia Histórica da Universidade Federal de Minas Gerais (CRCH-UFGM), coordenado pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra e subcoordenado pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Márcia Maria Duarte dos Santos.

<sup>5</sup> SANTOS, M. M. D. dos; SEABRA, M. C. T. C. de; COSTA, A. G. (Org.). **Repositório de Dados: Toponímia Histórica de Minas Gerais, do Setecentos ao Oitocentos Joanino – Registros em Mapas da**

constitui um dos produtos da pesquisa, além de textos explicativos sobre o trabalho realizado, foram disponibilizados os mapas<sup>6</sup> utilizados para realizar o estudo, referentes à Capitania<sup>7</sup> mineira e às suas Comarcas<sup>8</sup>, o que inclui o mapa da Capitania de Minas Gerais, produzido por Rocha (1777), apresentado, a seguir:

Imagem 1 – Mapa da Capitania de Minas Gerais realizado por Rocha em 1777.



Fonte: Santos, Faria e Costa (2017).

Capitania e das Comarcas. Belo Horizonte, MG: Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB/UFGM); Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHG/MG), 2017. Disponível em: <<http://repositoriotoponimia.com.br/home>> Acesso em: ago. 2019.

<sup>6</sup> Os documentos que compõem o conjunto cartográfico utilizado para o estudo pertencem a acervos de museus, de arquivos e bibliotecas no Brasil e em Portugal.

<sup>7</sup> As Capitânicas, circunscrições que fizeram parte da estrutura político-administrativa da América portuguesa até o final do período Colonial, foram criadas pela Coroa, a partir da terceira década do século XVI, para promover o povoamento, a colonização, a defesa e a evangelização da população autóctone daquele seu extenso domínio. (SANTOS, FÁRIA, COSTA, 2017. Disponível em <<http://www.repositoriotoponimia.com.br/creditos>>. Acesso em: ago. 2019).

<sup>8</sup> As Comarcas, divisões judiciárias das Capitânicas, e importantes referências territoriais para as atividades administrativas exercidas por seus governadores, no território Colonial da América portuguesa, foram criadas para o exercício da justiça, pelo Ouvidor, nomeado pela Coroa. Essas circunscrições, embora ligadas à organização judiciária portuguesa, estendida à sua Colônia americana, tornaram-se importantes referências territoriais para as atividades administrativas exercidas pelos governadores da Capitania. (SANTOS; FÁRIA; COSTA, 2017. Disponível em: <<http://www.repositoriotoponimia.com.br/mapas>> Acesso em: ago. 2019).

Reconhece-se, sem grande dificuldade, a importância dos documentos cartográficos para a Toponímia, já que os seus registros históricos são objetos de análise para os estudos na área. O estudo toponímico, por sua vez, permite estabelecer o vínculo entre o topônimo e o ambiente nomeado, conforme apresenta Dick:

O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade. Sua carga significativa guarda estreita ligação com o solo, o clima, a vegetação abundante ou pobre e as próprias feições culturais de uma região em suas diversas manifestações de vida. (DICK, 1990b, p. 47)

Por meio dessa perspectiva, o trabalho de Dissertação intitulado “Geomorfotopônimos Históricos” (GOMES, 2019) objetivou a análise dos geomorfotopônimos registrados nos mapas que compõem o acervo do projeto citado anteriormente, ou seja, o estudo de topônimos motivados por elementos topográficos físicos, particularmente os que se relacionam às formas de relevo, de acordo com os pressupostos teóricos e metodológicos desenvolvidos por Dick (1990a,b).

Dentre os mapas que integram o acervo cartográfico utilizado no trabalho de Dissertação de Gomes (2019), neste presente trabalho explicitamos o mapa da Capitania de Minas Gerais produzido por José Joaquim da Rocha (1740 – 1804) em 1777, uma vez que seja o documento que apresentou o maior número de geomorfotopônimos registrados<sup>9</sup>, além disso, Rocha produziu a maioria dos documentos cartográficos estudados no projeto (dez mapas), constituindo um conjunto articulado de mapas da Capitania de Minas Gerais e suas Comarcas. O autor português foi um grande conhecedor do território mineiro no século XVIII e serviu como engenheiro militar no Brasil. É importante salientar que os mapas produzidos no período colonial eram documentos sigilosos, porque correspondiam aos interesses do reino:

Como tais, eles registram informações sobre resultados de ações ou para seu planejamento e são considerados documentos afeitos às estratégias e às táticas políticas e militares, às ações e às decisões administrativas, civis e eclesiásticas etc. Dessa forma, os documentos são cercados de cuidados para a manutenção de sigilo e reserva, a propósito tanto de sua elaboração como de seu uso e conservação. (SANTOS, 2007, p. 55)

---

<sup>9</sup> O *corpus* toponímico analisado no trabalho de Dissertação (GOMES, 2019) foi constituído por 101 geomorfotopônimos.

## Os geomorfotopônimos no mapa da Capitania de Minas Gerais (ROCHA, 1777)

Inicialmente é pertinente esclarecer que o projeto desenvolvido analisou topônimos que nomeiam acidentes geográficos de natureza humana para constituir o banco de dados. Desconsiderou-se, portanto, os topônimos que nomeiam acidentes físicos, como rios e morros. Em relação aos acidentes geográficos de natureza humana, a presença de legenda no mapa foi necessária para decodificá-los, levando-se em consideração que estejam representados nos documentos por meio de signos. Tratam-se de acidentes que estão relacionados ao espaço geográfico representado no mapa, de acordo com o período histórico em que foram produzidos, a escala e tipo cartográfico.

No mapa da Capitania mineira produzido por Rocha, em 1777, é possível identificar, por meio da legenda, os seguintes acidentes: *ciudades, villas, parochias, capellas, destacamentos, sítios e fazendas, aldeias de gentio*, além da indicação de caminhos. Porém, os sítios e fazendas não foram considerados, coerente ao banco de dados do projeto em que os geomorfotopônimos foram coletados.

**Imagem 2** – Recorte de “Serranos” no mapa produzido por Rocha (1777): Observamos que o autor do mapa emprega o signo cartográfico (signo-símbolo) que o relaciona ao acidente geográfico “capella”, (decodificado por meio da legenda do mapa) nomeado “Serranos”.



Fonte: Gomes (2019, p. 98).

Nota-se a quantidade de informações, fornecidas por meio do mapa, que possibilitam tanto análises geográficas quanto linguísticas. Identificamos, por exemplo, que o topônimo histórico *Morro Grande* nomeava *Parochias* no mapa da Capitania de Minas Gerais (ROCHA, 1777). A decodificação do acidente geográfico nomeado foi possível devido à presença de legenda no mapa analisado:

**Imagem 3** – Recorte do topônimo Morro Grande no mapa produzido por Rocha (1777).



Fonte: Gomes (2019, p. 179).

O mapa, a seguir, ilustra a identificação dos geomorfotopônimos, e respectivos acidentes geográficos que nomeiam, no documento cartográfico utilizado neste trabalho:

**Imagem 4** – Geomorfotopônimos e acidentes geográficos nomeados no mapa da Capitania de Minas Gerais produzido por Rocha, 1777.



#### Legenda

- Paróchias
- Capellas
- Aldeias de gentio

Fonte: Gomes (2019, p. 191).

Desenvolvemos um quadro que permite organizar e explicitar informações sobre os geomorfotopônimos registrados no mapa produzido por Rocha (1777). Trata-se de uma adaptação do quadro-contexto cartográfico<sup>10</sup> desenvolvido e utilizado como procedimento metodológico no trabalho de Dissertação sobre os geomorfotopônimos históricos (GOMES, 2019), ao acompanhar a

<sup>10</sup> Sugerimos a leitura de Gomes (2019, p. 82 – 101), referente ao capítulo intitulado “Procedimentos metodológicos”, para a compreensão do quadro-contexto cartográfico utilizado no trabalho.



ficha lexicográfica<sup>11</sup> de cada topônimo objeto de estudo da pesquisa. A adaptação deve-se aos objetivos compreendidos neste trabalho, já que as informações apresentadas fazem referência a um mapa, apenas, conforme explicitamos, a seguir:

Quadro 1 – Quadro-contexto cartográfico.

| <b>Registro toponímico</b>  | <b>Comarca</b> | <b>Acidente geográfico</b> | <b>Topônimo atual</b>  |
|-----------------------------|----------------|----------------------------|------------------------|
| <b>Baependi</b>             | Rio das Mortes | Parochias                  | Baependi               |
| <b>Buturuna</b>             | Rio das Mortes | Parochias                  | Ibituruna              |
| <b>Campanha do R° Verde</b> | Rio das Mortes | Parochias                  | Campanha               |
| <b>Ibitipoca</b>            | Rio das Mortes | Capellas                   | Conceição do Ibitipoca |
| <b>Noruega</b>              | Rio das Mortes | Capellas                   | Catas Altas da Noruega |
| <b>Serranos</b>             | Rio das Mortes | Capellas                   | Serranos               |
| <b>Morrinhos</b>            | Sabará         | Capellas                   | Arinos                 |
| <b>Morro Grande</b>         | Sabará         | Parochias                  | Barão de Cocais        |
| <b>Morro Vermelho</b>       | Sabará         | Capellas                   | Morro Vermelho         |
| <b>Chapada</b>              | Serro Frio     | Parochias                  | Chapada do Norte       |
| <b>Chapada</b>              | Serro Frio     | Destacamentos              | São João da Chapada    |
|                             | Serro Frio     | Capellas                   |                        |
| <b>Monte do Carmo</b>       | Serro Frio     | Aldeias de Gentio          | Não encontrado         |
| <b>Morrinhos</b>            | Serro Frio     | Parochias                  | Matias Cardoso         |

Fonte: Elaboração própria (2019).

Observa-se, portanto, que o topônimo histórico *Chapada*, atual *São João da Chapada*, consta registrado no mapa nomeando dois acidentes geográficos distintos: *parochias* e *destacamentos*. Inclusive, nota-se que a maior parte dos geomorfotopônimos registrados nomeavam *capellas* e *parochias*. Esse

<sup>11</sup> A ficha lexicográfica corresponde ao procedimento teórico e metodológico proposto por Dick (1990) e adaptado por Seabra (2004).

resultado se revela verossímil ao contexto histórico considerado, conforme explica Gomes (2019, p. 190), por ser um período de povoamento do território mineiro: “evidencia que os traços geográficos que se associam ao relevo da região correspondem à motivação primitiva no ato de denominação”.

Os geomorfotopônimos registrados no mapa produzido por Rocha em 1777 permitem evidenciar topônimos históricos, que não correspondem mais ao nome atual da localidade. Como exemplo, citamos o topônimo histórico *Morro Grande*, atual *Barão de Cocais*, município em Minas Gerais, que resgata a presença marcante do morro naquele ambiente, servindo como fator motivacional para a nomeação do local, como é explicado por Barbosa:

Nos princípios do século XVIII, alguns sertanistas se deslocaram pelo sertão a dentro, na ânsia de encontrar novas minas e, no local a que chamaram Macacos, acharam boa pinta. Aí edificaram suas casas e fizeram suas roças. Uma capela foi logo construída, sob invocação de S. João Batista. O local ficava no sopé de um morro muito grande, extenso, assim, o arraial passou a ser designado como São João Batista do Morro Grande. (BARBOSA 1995, p.41-42)

A alteração do nome para *Barão de Cocais*<sup>12</sup>, como seguiu figurando, corresponde a uma mudança sistemática, ou seja, imposta com o objetivo de homenagear alguém (SEABRA, 2016, p.7). Conforme explica Joaquim Ribeiro Costa (1997, 112), trata-se de uma homenagem a José Feliciano Pinto Coelho da Cunha: “Barão de Cocais e um dos vultos da Revolução de 1842”. Além de *Morro Grande*, observa-se, também, a mudança total do topônimo histórico *Morrinhos*, atual *Arinos*<sup>13</sup>, homenagem ao escritor mineiro Afonso Arinos de Melo Franco (COSTA, 1997, p.107), e *Morrinhos*, atual *Matias Cardoso*<sup>14</sup>, homenagem ao fundador do arraial (COSTA, 1997, p.279).

Desse modo, é pertinente ressaltar o resgate do topônimo histórico como forma de conhecimento para sociedade mineira e, de modo atrelado, a importância do documento cartográfico, por permitir esse resgate ao servir como valiosa fonte de informação para a Toponímia.

## Considerações finais

A produtividade das pesquisas realizadas, conforme evidenciamos por meio dos trabalhos e produtos citados, reafirma o valor dos documentos cartográficos históricos para a pesquisa científica, particularmente, para a Toponímia. Esses vultuosos instrumentos fornecem dados para realizar estudos, atuando como valiosas fontes de informação em diversas áreas do conhecimento. Conforme

<sup>12</sup> A alteração do nome deu-se em 1943 por meio do decreto-lei nº 1058 (31/12/1943).

<sup>13</sup> Lei 843, 7/9/1923.

<sup>14</sup> Lei nº 843, de 7/9/1923.

discorrem Menezes e Fernandes (2013, p. 18), a Cartografia é ao mesmo tempo uma arte e uma técnica:

Para um elevado número de aplicações, é indiscutível a importância da estrutura de representação da informação geográfica, em essência dos mapas e da Cartografia. Com eles se pode representar todos os tipos de informações geográficas, bem como a estrutura, função e relações que ocorram entre eles. Pela caracterização de suas aplicações, pode-se utilizá-los em quaisquer campos do conhecimento que permitam vincular a informação à superfície terrestre. (MENEZES, FERNANDES, 2013, p. 21)

Ressaltam Santos e Seabra (2017) a respeito da proeminência dos mapas:

A proeminência dos mapas, por sua vez, entendidos como fontes primárias e históricas de informação, muitas vezes, diz respeito à especificidade das mensagens que propiciam a comunicação de atributos espaciais de uma forma eficaz, como nenhum outro sistema de comunicação linguístico, ou não linguístico, é capaz de realizar. Esses atributos relacionam-se ao conhecimento da distribuição de fatos, fenômenos e eventos, dos padrões que podem formar, e de suas relações em um determinado espaço geográfico. (SANTOS; SEABRA, 2017)

É necessário, portanto, a valorização e preservação de tais documentos, principalmente tratando-se de peças históricas como o mapa evidenciado por meio deste trabalho.

## Referências bibliográficas

- BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia LTDA, 1995.
- COSTA, Joaquim Ribeiro. **Toponímia de Minas Gerais: com Estudo Histórico da Divisão Territorial Administrativa**. 2. ed. Belo Horizonte: BDMG cultural, 1997.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990a.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/ USP, 1990b.
- DORES, Marcus Vinícius Pereira das. Relação dos trastes de prata e ornamentos da extinta capela de Santo Antônio (1856). **Revista LaborHistórico**, v. 5, n. 1, p. 286-297, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.24206/lh.v5i1.24859>>. Acesso em ago. 2019.
- GOMES, Marianna de Franco. **Geomorfotopônimos Históricos**. Dissertação (Mestrado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em Disponível em: <<http://www.poslin.letas.ufmg.br/defesas/1993M.pdf>> Acesso em: ago. 2019.
- MENEZES, Paulo Márcio Leal de; FERNANDES, Manoel do Couto. **Roteiro de cartografia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.
- SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. Técnicas e elementos da cartografia da América portuguesa e do Brasil Império. In: **Roteiro prático de cartografia: da América portuguesa ao Brasil Império**. COSTA, Antônio Gilberto (Org.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 51-81.
- SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; FARIA, Maria Dulce de; COSTA, Antônio Gilberto. Fonte de dados, mapas. In: SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de; COSTA, Antônio Gilberto. (Orgs.). **Repositório de Dados: Toponímia Histórica de Minas Gerais, do Setecentos ao Oitocentos Joanino – Registros em Mapas da Capitania e das Comarcas**. Belo Horizonte, MG: Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB/UFMG); Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHG/MG), 2017. Disponível em: <<http://repositoriotoponimia.com.br/mapas>>. Acesso em: ago. 2019.
- SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Apresentação do Projeto: Registros cartográficos históricos: revelando o patrimônio toponímico de Minas Gerais do período Colonial e Joanino. In: SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de; COSTA, Antônio Gilberto. (Orgs.). **Repositório de Dados: Toponímia Histórica de Minas Gerais, do Setecentos ao Oitocentos Joanino – Registros em Mapas da Capitania e das Comarcas**. Belo Horizonte, MG: Museu de História Natural e Jardim

Botânico (MHNJB/UFMG); Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHG/MG), 2017. Disponível em: <<http://repositoriotoponomia.com.br/projeto>>. Acesso em: ago. 2019.

SANTOS, Márcia Maria Duarte dos; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de; COSTA, Antônio Gilberto. (Orgs.). **Repositório de Dados: Toponímia Histórica de Minas Gerais, do Setecentos ao Oitocentos Joanino – Registros em Mapas da Capitania e das Comarcas**. Belo Horizonte, MG: Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB/UFMG); Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHG/MG), 2017. Disponível em: <<http://repositoriotoponomia.com.br/home>>. Acesso em: ago. 2019.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo**. 2004. 368 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. 2 v.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Variação e Mudança Linguística de Topônimos. *In*: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **Nos Caminhos do Léxico**. Campo grande, MS: Ed. UFMS, 2016. p. 137-154.

## Referência cartográfica

ROCHA, José Joaquim da. **Mappa da Capitania de Minas Geraes: que Mandou Fazer o Ilmo. e Exmo. Senhor d. Anto . de Noronha, Governador e Capitão Genal. da mesma Capitania. ...o fez 1777a**. 1 mapa ms. Escala [ca. 1: 1 600 000]. (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro - BN / RJ).